

Santos, 5 de Abril, 94.

Queridissimo Coru.

Quando a tua carta de gameiro me chegou ás mãos embarcava eu para aqui, deixando para trás esposa e filhos amados. Embarcava eu em busca de trabalho, isto é, de melhor sorte, porque em Santa-Catharina me era impensável viver nem mesmo pelas portas, como cego. Durante dois annos e tanto de trabalho feroz, de trabalho rustico, estafante, aca- brunhador, de olvido, alli vivi sem nada adquirir. Pelo contrario, arruini-me desgraçadamente, perdendo para mais de quatro contos, cuja metade dezo ainda e acho que a não poderei pagar tão cedo, ficando por isso o que posso á mercê da primeira inspeção que se me apresentar por parte do meu credor. E creio perder assim, meu adorado amigo, o sitio onde erigi-me e onde tantas vezes o meu coração sonhou e aromatizou-se á sombra dos espinhos em flor e onde, finalmente, escrevi os meus primeiros versos. A saudade que tenho dos meus filhos e da minha doce Conceição, minha esposa casta, e a ideia de ^{me} ver totalmente pobre, encham-me a alma das maguas as mais dilacerantes. É sob esse doloroso afunhalamento que o meu coração, voltado para os teus affectos, vem te pedir um grande favor. Primeiro, porém, conta-te-hi em que circumstancias me acho, aqui,

nesta cidade fedorenta, de tordidas gallegas. Logo que
aqui cheguei empreguei-me na Tribuna do Povo,
como réis typographo. Lá estive ahí, entretanto, ou-
ze dias, porque um tal Olympio Lima, que é o seu
redactor, é o cavallo mais caballar que conheço.
Fui então para o Diario de Santos, tambem como
typographo, mas desta vez sugito a uns gallegos
e a uns mulattos da Bahia. Por um General
Pacheco, uma besta misopé, fui instado a publicar
alguma coisa nessa folha. É das exis as ahí
por mim publicadas envio-te tres junto á esta.
Vim para aqui afim de arranjar a vida, isto é,
afim de ganhar dinheiro para pagar essa di-
vida e depois, caso fosse possivel, trazer minha fa-
milia para junto de mim, porque é triste o mu-
nir longe doo que me agora lham debrisco de ma-
to dos seus carinhos. Porém não sei quando isto
acontecerá. É estou, agora, mais do que convencido
que nunca! A typographia não dá nada, na-
da absolutamente, para um homem só, quanto
mais para uma familia. Semais não sugito
reir minha familia a privações miseravís
numa cidade cuja como esta. Vijo-me, por isto,
num desespero de braços desamparados nas en-
das de um largo mar revolto. É sem diáhi, meu
amigo, o favor que te quero pedir, que é o seguinte.
Tendo eu uns cincuenta bonitos arranqueos ul-
timamente do verde campo do meus bonhos e

querendo publicar em livro, precisava que me fol-
loises ahí com algum editor que se encarregasse
dello, porém com algum lucro para mim. No tem-
po em que recebi um convite teu para a pu-
blicação dos meus versos não estava eu prepa-
rado, não estava disposto; porém agora, sim.
De arranjar isso ahí com alguém, principa-
lmente com os que editoraram os teus livros, es-
creve-me logo, porque irei ahí ler os meus
sonetos e continuarmos, na mesma commu-
nhão de idéas, como sempre, o título sob o
qual elles possam apparecer em publicos. O que
tu posso garantir. porém, afóra pequenas in-
correções suapticeis de eliminações, é que os
trabalhos que tenho agradados, pois são elles to-
dos cheios de asonias castas de notissima volé.
É como tens sido para mim o meu maior
amigo e a mais alta individualidade intelle-
tual e moral que conheço, só oti se submettem
o meu segundo livro, como o fiz espontanea-
mente com o primeiro. Folla sobre isso com al-
guem e escreve-me logo. Tira-me assim, pela
alma aleneçada do teu pai, que hoje está fai-
cande na luz branca dos astros, desta trizteza
medonha, desta tristezza de carcere, desta fria tris-
teza de morte, de onde, por uma manha de
dlares, aspercei o meu livro com o outro e scantei
si no título de - Synops de Volé. Affecio. O teu
Beijo a tua filha. Araújo Djalma

Prun Visconde de Rio Branco - 17.